

O Brasil de Tomasz Łychowski

Magdalena Bąk¹

Resumo: O texto é dedicado à apresentação da imagem do Brasil emergente nos poemas de Tomasz Łychowski - poeta e pintor, nascido em Angola, filho de um casal polonês-alemão, residente no Brasil desde 1949. Łychowski utiliza poucos elementos reconhecíveis para apresentar a beleza do Brasil, mas ele consegue criar a imagem de um país com sol, vegetação exuberante e pessoas gentis. Os poemas revelam sua atitude diante da vida, baseada na aceitação e afirmação do tempo, do espaço, do ser emigrante, que pode adaptar diferentes culturas e tradições para enriquecer sua identidade.

Palavras-chave: Brasil, Tomasz Łychowski, emigração, identidade.

Brazil by Tomasz Łychowski

Abstract: The aim of this paper is to present the image of Brazil created by Tomasz Łychowski – a poet and a painter, born in Angola, son of a Polish-German couple, who has been living in Brazil since 1949. Łychowski uses only few recognizable elements to present the beauty of Brazil, but he manages to create the picture of a country of sunshine, lush vegetation and kind people. His ‘Brazilian’ poems also reveal his specific attitude towards life, based on accepting and affirming time, space, being an emigrant, who can adapt different cultures and traditions to enrich his identity.

Keywords: Brazil, Tomasz Łychowski, emigration, identity.

Ao chegar ao Rio de Janeiro em janeiro de 1949, ainda adolescente, Tomasz Łychowski já tinha vivenciado tantas coisas que, por si só, poderiam constituir uma rica biografia: a infância passada numa plantação de café em Angola, anos de guerra em Varsóvia – com não poucos acontecimentos dramáticos, inclusive, por um tempo, feito prisioneiro em Pawiak, depois alguns anos passados na Alemanha, primeiramente só com a sua mãe e, posteriormente, também com o seu pai, que, após quatro anos como prisioneiro de um campo de concentração, conseguiu reunir-se à família. Todavia, a vinda ao Brasil não seria o ponto final e sim um novo capítulo dessa biografia migratória.

No poema, escrito muitos anos depois, *Rio 1500/1949*, Łychowski assim descreve a sua chegada ao país, no qual viria a passar o resto de sua vida:

Baía da Guanabara
porto sempre seguro
ingredientes:
os mesmos do descobrimento
o fim de uma travessia
o começo de uma folha em branco'

Diferente, porém, a emoção

¹ Magdalena Bąk. Professora PhD, DLITT - Instituto de Estudos de Literatura da Universidade da Silésia Polônia.

não a de quem toma posse
mas o abraço do desconhecido

O Pão de Açúcar
o Cristo Redentor
não apenas uma paisagem

A cada dia um novo horizonte
adentra a retina
se espraia em forte lembrança

O barco balança nas ondas
o avião circunda a montanha
o sol abrasador ilumina

Não sei o que é mais verdadeiro:
é meu o Rio de Janeiro
ou sou eu do Brasil?
(Łychowski, 2014, pág. 11)

Já o próprio título abarca, de forma abrangente e original, os séculos passados desde o descobrimento do Brasil por Pedro Alvarez de Cabral ao momento da chegada do vapor Charlton Sovereign ao Rio de Janeiro, trazendo emigrantes da Europa. Esse recurso tem um significado especial, pois nos permite comparar o incomparável: o destino de um emigrante à procura de um abrigo, após as tormentas da guerra e do pós-guerra, é contraposto ao descobrimento de uma terra anteriormente desconhecida. A perspectiva de quem conquista, se apodera e domina é contrastada com a situação e o esforço de alguém que procura se adaptar à uma terra estranha. Esse contraste revela tanto óbvias diferenças, como também, ou mais ainda, as surpreendentes semelhanças. A diferença fundamental é indicada na segunda estrofe. Lá, a atitude do emigrante é indicada como a de alguém “que se abre ao desconhecido”, que é uma negação categórica de um “tomar posse de algo”. Apesar disso, as impressões do imigrante, que chega à terra brasileira não parecem ser muito diferentes das dos primeiros descobridores: o alívio de que nesse instante termina uma travessia longa e perigosa e a emoção (bem como uma certa inquietude) pela falta de certeza do que, nessa nova terra (numa nova vida), os espera. Com esse recurso simples, Łychowski une não apenas a experiência dos descobridores do século XVI aos dos emigrantes do século XX, mas inclui também nesse espaço temporal as vivências de todas as gerações que aportaram (tanto os de espontânea vontade como os a isso obrigados) à Terra da Santa Cruz. De forma sintética, Łychowski lança mão de dois elementos essenciais, que estão presentes em relatos de viagens do século XIX, e de muitos do século XX, ao

hemisfério sul: das dificuldades e dos perigos de longas travessias marítimas, bem como do conhecimento ilusório sobre o que se pode esperar nessa terra distante.

Essa tradição (tão característica das viagens do século XIX e também de posteriores) Łychowski registrou não apenas em seu poema, mas também em seu livro de memórias *Meu caminho para a lua*. Nele, em dois capítulos, ele relata a viagem no navio Charlton Sovereign de Bremen ao Rio de Janeiro. Poderíamos alegar que isso é pouco, comparando esse relato com as memórias de Zygmunt Chełmicki, que no final do século XIX pesquisou a situação de imigrantes poloneses no Brasil e que resultou na publicação do seu livro *No Brasil, anotações de viagem*. O objetivo bem concreto de Chełmicki não era turístico e tampouco relacionado à imigração, ele se concentrou antes em relatar as condições, amiúde dramáticas, da vida dos poloneses sob o Cruzeiro do Sul. Todavia, isso não impediu que ele também relatasse em suas memórias, de forma extensa, a travessia marítima, embora isso não fizesse propriamente parte do objetivo do seu texto. O que, aliás, se encaixa plenamente na tradição dos relatos do século XIX: há um lugar nelas para paisagens marítimas, que inspiram emoções, para os lugares visitados bem como a descrição dos passageiros, que, naquele ambiente, constituíam uma comunidade transitória.

O momento da chegada é tão importante porque representa o atravessar de um limiar em direção ao desconhecido. Metaforicamente, poderíamos chamar esse momento de descoberta de uma nova terra. No verso do Łychowski, a inquietação que isso desperta é atenuada pela beleza da cidade, vista da perspectiva do navio adentrando a baía de Guanabara. A paisagem aqui evocada é composta por seus elementos mais conhecidos: o Pão de Açúcar e o Cristo Redentor. No entanto, o personagem do verso sublinha que o que os olhos do viajante alcançam é mais do que somente uma paisagem: “a cada dia, um novo horizonte/ adentra a retina/ se espalha em forte lembrança”. Embora o poema pareça estar nitidamente localizado num momento bem concreto, num peculiar “agora” limitado ao tempo da chegada à terra estranha, a perspectiva temporal nele delineada se estende não apenas pela evocação da “primeira” chegada em séculos passados, mas também pelas memórias, que tão claramente já descrevem a condição de imigrante, ligando o presente ao passado (em sua distante pátria) e o futuro (dos dias por vir sob um novo céu). É interessante que essa ligação ocorre no verso do. Łychowski de maneira fluida, não há a tão característica em literatura migratória discordância com o tempo e a história. Como observam os pesquisadores, nos escritos de autores emigrantes o tempo transcorre de maneira diferente do que ocorre em sua terra natal, mas tampouco é igual ao ritmo do tempo da nova terra (CZAPLEJEWICZ, 1992, PÁGS. 111 – 112). Na poesia do Łychowski (não apenas no poema citado) isso parece não ocorrer. O tempo (embora compreendido de

muitas maneiras e, frequentemente, interiorizado) é objeto de afirmação e aceitação. O exemplo acima citado deixa isso bem claro. O momento da chegada ao Brasil – embora paradoxalmente “estendido” ao passado (ao referi-lo a Cabral) e ao futuro (pela sugestão da permanência posterior sob o Cruzeiro do Sul) é, ao mesmo tempo, importante pelo seu aqui e agora - transmite paz e acolhimento, um conformar-se consigo mesmo e com o mundo. A última imagem desse poema (concentrado em apenas alguns elementos, que constroem a paisagem verticalmente, a partir do mar e através do morro alcançando o céu e o sol) leva à ideia de união com a terra brasileira, à sensação de lá estar, nesse solo, no meio dessas novas circunstâncias e imagens. A atitude de um imigrante, sublinhada no início do poema, que não veio para “tomar posse”, retorna no final do verso: “Não sei o que é mais verdadeiro: é meu o Rio de Janeiro / ou sou eu do Brasil?” Essa aceitação do novo é, ao mesmo tempo, um aceitar “ser possuído” por essa terra exótica e a expressão “meu Rio de Janeiro”, perde aqui o seu significado tão somente possessivo, revelando um outro possível: o emocional (“meu”, ou seja, próximo, caro, amado).

O perfil do Brasil que surge da poesia do Łychowski é composto, de um modo geral, de imagens construídas a partir de um padrão comum. O poeta se vale amiúde do Rio de Janeiro, ou adjacências, escolhe os elementos mais característicos (incluindo os nomes mais conhecidos) com os quais constrói uma imagem impressionista do lugar (do ponto de vista europeu). Um excelente exemplo dessa estratégia é o poema *Gotinhas de chuva*:

O aroma
De abacaxi recém-colhido
Penetra nas narinas
O corpo todo plenificado
Os sentidos mobilizados

Do outro lado da rua
A Flor de Brasília
Florindo vermelho-laranja
O arco-íris da vegetação tropical
O beija-flor chegando

O canto dos pássaros
O silêncio
De vez em quando um vulto humano

Uma leve brisa
Gotinhas de chuva
(LYCHOWSKI, 2016, pag. 93)

A melhor maneira de analisar esse poema seria valermos-nos dos recursos que nos oferece a geopoética. O tema do poema é a exótica natureza brasileira (abacaxis, a vege-

tação tropical, beija-flores) e o modo extraordinário de vivenciá-la, inclusive fisicamente (já que o odor de frutas penetra os sentidos e os estimula), mas não apenas. De vivenciá-los também de maneira espiritual, como transparece em todo o poema. Predomina no verso uma atmosfera de paz, de aceitação, a ausência da pessoa falante, cuja perspectiva (novamente de acordo com os fundamentos da geopoética) se dissipa, decentraliza e cria a sensação de uma inserção harmônica do ser humano na ordem da natureza. Isso fica sublinhado, de modo especial, nas duas linhas do poema onde o canto dos pássaros é colocado em nível de equivalência com as figuras humanas. Nesse verso não se enfatiza uma perspectiva antropocêntrica, aliás, de um modo geral falta aqui a indicação clara de um foco central. Bem como, faltam aqui também as oposições clássicas (natureza/cultura, mental/emocional, espírito/corpo). A paz e a harmonia são fruto da ligação de elementos diversificados e a nenhum se atribui um papel dominante. Disso resulta (não apenas no poema citado, mas em todos nos quais aparecem descrições da natureza brasileira) uma atitude afirmativa, cheia de encantamento com a beleza dessa terra.

Vale ainda mencionar que a escolha dos elementos, que aparecem nos poemas do Łychowski, corresponde às escolhas amiúde feitas pelos autores que relatam as suas viagens ao Brasil. Reina nesses relatos o exótico do Rio de Janeiro, bem como de outras grandes cidades do Brasil. Segundo Agnieszka Mocyk:

Na maioria dos textos poloneses sobre o Brasil, as impressões estéticas do observador, resultantes do convívio com a natureza, ocorrem dentro do modesto limite da emoção de maravilhamento e perplexidade diante da vastidão de espaços e do predomínio da luz – embora esse tipo de reação chega mais a cansar do que causar satisfação – diante da pletora acumulada de cores, de sons, da riqueza fauna e da flora, não corresponde um recurso adequado de epítetos e de comparações. Em termos de frequência predominam adjetivos como “lindo”, “maravilhoso”, “encantador”. Termos gerais, que predominam sobre o detalhe.

Na maioria dos textos poloneses sobre o Brasil, as impressões estéticas do observador, resultantes do convívio com a natureza, ocorrem dentro do modesto limite da emoção de maravilhamento e perplexidade diante da vastidão de espaços e do predomínio da luz – embora esse tipo de reação chega mais a cansar do que causar satisfação – diante da pletora acumulada de cores, de sons, da riqueza da fauna e da flora, não corresponde um recurso adequado de epítetos e de comparações. Em termos de frequência predominam adjetivos como “lindo”, “maravilhoso”, “encantador”. Termos gerais, que predominam sobre o detalhe.

A pesquisadora ressalta que as imagens do Brasil, que aparecem na literatura polonesa até o final dos anos trinta do século passado, são de caráter bastante geral. A estratégia do Łychowski parece seguir essa tradição, mas só aparentemente. Embora o poeta se vale dos mesmos elementos (Rio de Janeiro, o exótico da flora) e pinta com alguns traços expressivos as imagens em sua volta, a sua visão não é a típica do viajante que mira somente e de modo exterior os fenômenos que encantam, mas, antes, o seu olhar é o do morador dessa terra, de alguém que a entende, um olhar penetrante. Os versos que descrevem o especificamente brasileiro representam, nesse poeta, o registro de como ele vivencia o extraordinário espaço e os condicionamentos que impõe a sua natureza. Um excelente exemplo desse tipo de estratégia poderia ser o poema *Jabuticabeira*, que fala de uma fruta tipicamente brasileira.

No jardim, a fruta negra
parecida com cereja
uma árvore grande
plantada por escravos
no início do século XIX

Agora, o caminho está coberto
por um matagal
em volta zumbem enormes moscas escuras
a cobra se esgueira através da folhagem seca

Tudo respira a promessa misteriosa
de coisas impossíveis

Século XIX, mas também XXI
a jabuticabeira bojuda
o tronco grosso, folhagem verde-escura
A fruta doce se desmancha na boca
(LYCHOWSKI, 2016, pag. 60)

A descrição da árvore e do espaço que a circunda renuncia a detalhes, foi limitada a somente alguns elementos característicos. A escolha desses elementos, resulta, aparentemente, da percepção da pessoa falante, que reproduz não tanto a “aparência”, mas antes a sua maneira de perceber esse fenômeno da natureza. São registradas, portanto, impressões oculares (a cor da fruta, o tamanho da árvore, a folhagem que limita a visão), auditivas (o zumbir das moscas, a cobra esgueirando-se através da folhagem seca) e, por fim, gustativas (a fruta doce na boca). Essa intensa experiência sensual leva não apenas a uma sensação indefinida de deleite. O efeito dessa experiência produz também a esperança (pois, promete coisas impossíveis), bem com, e principalmente, o narrador transpassa

de modo específico a barreira do tempo, que separa o homem saboreando a jabuticaba no século XXI do escravo que plantou a jabuticabeira no século XIX. A separação do tempo deixa de acontecer por um momento e a fruta que se desmancha na boca torna-se o símbolo do “desmanchar-se” de fronteiras, divisões: um sinal de iniciação, de integração à essa terra exótica.

Assim vista, a natureza torna-se na poética de Lychowski uma maneira de entender o mundo, um modo de penetrar o seu ser mais profundo, de estabelecer fortes laços espirituais também com pessoas. Isso fica patente no poema Miguel Pereira I, no qual, na primeira parte, aparece a descrição geopoética da natureza, enquanto na segunda há uma ênfase forte na pessoa falante, e que, no entanto, confessa o seguinte:

As coisas me permitem penetrar
neste outro mundo
onde, em vez da agitação e da algazarra,
flutuam no ar
sintonizam com o ritmo humanizado
de Deus

E quando desço à Cidade dos Homens
encontro Miguel Pereira
no barulho da Avenida Rio Branco
e na penumbra do mosteiro de São Bento
(LYCHOWSKI, 2016, pag. 20)

A estratégia geopoética é aqui deixada de lado, mas com um pensamento afim: o de que relação do homem com o mundo, bem com outros seres humanos, é construído pelo forte liame com a terra, com a natureza, com as suas cores, aromas e sons. Esse pensamento também está presente em outros imigrantes (não apenas no Brasil), ou seja, como a beleza da natureza torna-se a chave que abre aos que chegam a uma terra estranha a possibilidade de nela sentir-se acolhido, sentir-se em casa. Essa maneira de contemplar e de descrever o mundo que o circunda, parece predominar na poesia de Lychowski não apenas nos versos dedicados ao Brasil. Henryk Siewierski, assim caracteriza essa estratégia:

O poeta “vê e descreve”, às vezes medita, pois nesse cotidiano acessível ao olho, descobre coisas “místicas e inescrutáveis”.

Aleksandra Pluta, que fez várias entrevistas com imigrantes poloneses no Brasil, notou que o afastamento físico da terra natal e o tempo provocaram neles um mergulho na memória, uma tentativa de resgatar as imagens da pátria perdida. Imagens idealizadas,

chegando a beirar a mitificação (PLUTA, 2017, pag. 15). Isso parece estar relacionado com a característica sensação de separação, entre duas pátrias entre duas culturas, entre dois tempos (o passado em sua terra natal e o atual, ou futuro, numa terra estranha ou nova). Vale a pena notar, que na poesia de Tomasz Lychowski, esse rompimento, ou esse corte, geralmente não ocorre. Não ocorre, tampouco, a mitificação da sua “pequena pátria”. No caso concreto de Tomasz Lychowski, seria até difícil dizer qual das pátrias anteriores deveria sê-lo: a angolana, a polonesa, ou talvez também a alemã, já que a mãe do poeta era alemã e, como ele mesmo menciona no final de sua autobiografia:

Pois está claro que sou polonês... brasileiro e angolano. No Brasil sinto saudade da Polônia, na Polônia do Brasil e lá e cá de Angola. Mas não é só. Sinto saudade também da Alemanha... Pedacos do meu coração ficaram onde vivi fragmentos da minha vida (Lychowski; 2010, pag. 127).

Algo semelhante e integrativo, no qual não há uma separação ou conflito entre o tempo e o espaço do passado e do presente, vamos encontrar nos versos do poeta. No poema *E o contrário* esse aspecto é claramente evidenciado:

Acima do mar
ligando o Rio a Niterói
com mais de 14 km
uma ponte

Acima do rio Vístula
ligando Varsóvia a um dos bairros
com menos de meio quilômetro
uma outra ponte

Às vezes, fica mais difícil
atravessar essa do que aquela
ou mais fácil

Amiúde estou lá
enquanto estou aqui
e também o contrário
(LYCHOWSKI, 2016, pag. 92)

Na primeira parte do poema, e de modo surpreendente, à imagem do Rio de Janeiro é sobreposta a imagem de Varsóvia. O elemento que as liga é uma ponte que une dois espaços (da “velha” e da nova “pátria”), dois tempos (o que passou, mas que transcorre paralelamente a seu ritmo na Polônia e o atual no Brasil). Esse paralelismo não configura, todavia, uma situação de conflito, ou de rompimento. Para a pessoa falante do poema,

ambos esses espaços existem simultaneamente e ela se vislumbra neles o tempo todo, podendo atravessá-los em ambos os sentidos (*E também o contrário*).

Dessa perspectiva integrativa, revelando o imigrante como multiplicador de lugares e tradições, a união que enriquece o indivíduo, de certa forma destoa apenas um poema “brasileiro” de Tomasz Lychowski, isso porque nele aparece uma certa divisão tríplice:

Entre o passado e o presente
ainda bate a saudade da Polônia
(LYCHOWSKI, 2008, pág. 65)

Todavia, o que importa, é que esse poema é dedicado à Liliana Syrkis e nele foram inseridos vários detalhes da sua biografia: o desterro na Sibéria, mais tarde, a imigração para o Brasil bem como a sua bem-sucedida carreira no mundo da moda, tornando-a proprietária da Boutique Maison Liliana (Pluta, 2017, págs.44 – 53). Embora, ao ler esse poema, podemos ter a impressão de que as agruras do destino de uma imigrante, a ruptura entre o que passou e o que agora é, entre o lá e o aqui são ainda bastante vívidos, já que:

45°, ou mais
separam o inverno siberiano
do calor carioca
(LYCHOWSKI, 2008, pág. 65)

Também nesse verso vence a perspectiva unitiva que recompõe um destino desfeito e lhe renova a perda inteira. Embora no poema aparece com bastante ênfase (sobretudo em seu último fragmento) a saudade da terra dos antepassados, a imagem do Brasil, que transparece nesse verso, é extremamente atraente: é o país cujo calor, metaforicamente, derrete gelos (o siberiano, mas também os traumáticos) do passado, acolhe generosamente e dá um ombro amigo aos que enveredam por seu caminho.

Como já foi dito, o perfil do Brasil na poesia de Tomasz Lychowski é traçado através de apenas alguns traços expressivos. Em vão, vamos querer descobrir nele imagens bem construídas, com os detalhes de beleza das vistas locais, da rica fauna e flora, ou, por último, detalhando a especificidade das relações sociais. O poeta se restringe a mencionar somente alguns dos seus elementos característicos (o Pão de Açúcar, o Cristo Redentor, Arpoador, jabuticabeira etc.), com os quais constrói sugestivas imagens de um país ensolarado, dono de uma bela natureza, de pessoas gentis. Um país que estimula o otimismo, que permite superar divisões artificiais e inúteis e que se torna, debaixo do Cruzeiro do Sul, um lar para o imigrante da Polônia. Embora

a pesquisadora da obra do poeta, Anna Kalewska, lembra que, nesse quadro há, também, lugar para uma visão mais sombria:

Esse Brasil com a sua encantadora fauna e flora, com o clima sensual de suas cidades (aqui Avenida Atlântica e Copacabana), com o sabor inesquecível de frutas exóticas com nomes não menos exóticos, com papagaios e beija-flores multicoloridos, surge nos poemas *Arpoador*, *Jabuticabeira*, *Bocaina* e *Yasmin*, mas surge também o Brasil da terra vermelha, que nos fala do sangue derramado pelos escravos e da nostalgia do imigrante (Kalewska, 2004, pág. 12).

Parece-nos, todavia, que no poema citado pela pesquisadora, essa lembrança triste, é o elemento de uma estratégia anteriormente descrita. A contemplação do espaço permite atravessar as limitações do presente, vivenciar a história, também essa trágica e que faz parte de cada terra natal. Essa vivência permite ao poeta sentir e integrar-se de maneira mais profunda ao mundo em que habita. Pode-se dizer, que, de certa forma, o poema *A caminho* tem uma construção contrária dos poemas anteriormente citados. O sujeito falante inicia o poema fazendo uma reflexão sobre a história do Brasil, e o poema termina com uma imagem geopoética de espaço difuso, que, simplesmente, parece fazer parte de um todo espacial e cultural.

E depois, durante muito, muito tempo
o planalto
a linha reta, sem fim
da estrada
(LYCHOWSKI, 2004, pag.49)

Este poema parece confirmar o fato de que todas as imagens do Brasil, que aparecem na poesia de Lychowski, formam, essencialmente, o espaço interior de sua “grande” pátria. Porquanto, é possível constatar na obra do artista um paradoxo original: em seus poemas abundam imagens, que poderíamos chamar de “pequena pátria”, no entanto, eles se referem tanto ao espaço polonês como ao brasileiro. Esse conceito compreende o seguinte:

Temas que são caros a cada pessoa, que falam de pessoas do seu convívio mais íntimo, inspiram conotações com palavras como lar, mãe, pai, aldeia, rio mais próximo, o ninho da cegonha, igreja, cemitério, ou seja, algo que cada ser humano lembra de sua infância, quando se trata de sua terra natal a mais concreta (...) Simonides, 1999, pág. 66.

Na obra de Tomasz Lychowski, nascido em Angola, morando por algum tempo na Polônia e na Alemanha e, por fim, se estabelecendo no Brasil, as imagens que evocam esses lugares aparecem com relação a vários espaços geográficos e políticos e nelas a pena do poeta revela o seu caráter familiar, pessoal, enfatizando o caráter particular que os liga. É, assim, nos poemas sobre a Polônia, onde aparecem reminiscências de pessoas próximas, dos pais, mas também naqueles que descrevem acontecimentos importantes que a memória registrou (como o cortar da grama, ou de um dia passado nas montanhas cobertas de neve). Elementos semelhantes constam também dos versos sobre o Brasil, nelas, também, tem lugar de destaque o liame da pessoa falante com pessoas próximas, com o lar, embora, aqui, sublinhando o exótico, mas familiar, cheio de detalhes do cotidiano, representado aquilo que é o mais importante em nossas vidas (*Yasmin*). Embora no lugar do rio, do ninho de cegonha, ou da igrejinha, agora temos Copacabana, um beija-flor, o Cristo no Corcovado, o tipo de vínculo não muda. Dessas “pequenas pátrias”, na poesia de Tomasz Lychowski, é construída “a pátria grande”, que, certamente, abrange mais do que uma só terra.

Terra - não apenas uma
a que por filho te adotou
e aquela em que ecoam os teus antepassados
(LYCHOWSKI, 2008, pág. 28)

Se concordarmos que “Vale a pena e é necessário ensinar a história da família, das fronteiras, a história local, dessa “pequena pátria” para poder sentir o vínculo com a “grande pátria”, e formar a identidade regional, nacional, europeia” (Burda, Szymczak, 2010, pág. 7), então a obra de Tomasz Lychowski pode se considerar como um exemplo excepcional dessa tese. Todavia, essa “grande”, ou melhor “imensa” pátria, tem aqui uma dimensão mais do que europeia, tem uma dimensão global, abarca dois continentes, o velho e o novo mundo e cada um deles é captado numa série de pequenas aproximações e imagens, emocionalmente importantes. Portanto, de duas pátrias, mas também das saudades de Angola e da estada na Alemanha, nasce nessa extraordinária obra a visão de “fixar moradia” no mundo, no sentido mais amplo, mas também mais fundamental. Como, talvez, no verso *Amistad*:

Minha gratidão
alegria
espanto

às pessoas
à Polônia, ao
ao mundo (Lychowski, pág. 103)

Evidentemente, poderíamos afirmar que o processo aqui delineado simplesmente prova que o Brasil se tornou na obra do poeta um elemento migratório importante de sua identidade, construída por muitas experiências, línguas, vivências, e, por fim, também, por culturas. Como comenta Anna Kalewska:

A salvação do “eu” poético, dividido entre a descontinuidade do perseverar exterior no espaço, o existir em vários países e tempos vários e o ansiar do existir interior, configuraria uma múltipla identidade cultural, quando “bater um só coração” polonês e brasileiro, ao mesmo tempo (...) (Kalewska, 2006, pág. 8-9)

Todas as imagens do Brasil nos poemas do poeta, documentam esse processo de absorção pelo imigrante do que é novo, estranho e da construção de sua própria (como escreve Lychowski no seu poema *Imigrante*) identidade híbrida. A maneira de descrever fenômenos brasileiros, a capacidade do sujeito de se “dissolver” no espaço circundante, de encontrar nele cheiros, vistas, sentimentos, que só se consegue descrever com a ajuda de fórmulas como aquelas que descrevem a terra natal, revela que se trata, no entanto, de uma hibridez específica. Tal na qual diferentes elementos compõem um todo coeso.

BIBLIOGRAFIA

BAK, Magdalena. *Gdzie diabeł (tasmański) mówi dobranoc. Wizerunek Australii w literaturze polskiej*. Katowice: Wydawnictwo Uniwersytetu Śląskiego, 2014.

BURDA, Bogumiła, SZYMCZAK, Małgorzata, ed. „*Duża i mała ojczyzna*” w świadomości historycznej, źródłach i edukacji. Zielona Góra: Oficyna Wydawnicza Uniwersytetu Zielonogórskiego, 2010.

CHEŁMICKI, Zygmunt. *W Brazylii: notatki z podróży*. Vol. 1. Warszawa: Warszawa :skł. gł. w Administracji „Słowa”, 1892.

CZAPLEJEWICZ, Eugeniusz. *The concept of time and history in émigré literature. Categories of Time and Space in Eastern and Western Poetics*. Ed. Eugeniusz Czaplejewicz, and Mikołaj Melanowicz. Warszawa: Wydawnictwa Uniwersytetu Warszawskiego, 1992.

DOLAŃSKI, Bolesław. *Trzy epoki z życia mego, czyli wyjazd do Australii, tamże mój pobyt i powrót do Europy*. Ed. Adam Walaszek. Kraków: Wydawnictwo Literackie, 1981.

JAMET, Pierre. *Kenneth White and identity*. http://e-crit3224.univ-fcomte.fr/download/3224-ecrit/document/numero_1/a_article_jamet_7_15.pdf.

KALEWSKA, Anna. „Żywe cegły czasu” w *Encontros/Spotkaniach czyli polsko-brazylijska nostalgia*. Spotkania/Encontros. Tomasz Łychowski. Warszawa: Muzeum Historii Polskiego Ruchu Ludowego: Instytut Studiów Iberyjskich i Iberoamerykańskich UW, 2006.

KALEWSKA, Anna. *Głos poetów polskiego pochodzenia w poezji brazylijskiej*. „Ameryka Łacińska” (1/2005), 45–59, 2005.

KALEWSKA, Anna. *Warszawa – Londyn – Rio de Janeiro: trójjęzyczna poezja Tomasza Łychowskiego*. Graniczne progi/ Limiares de fronteira/ Thresholds. Tomasz Łychowski. Warszawa–Rio de Janeiro: Centrum Studiów Latinoamerykańskich UW: Towarzystwo Polsko-Brazylijskie, 2004a.

KALEWSKA, Anna. *Od eks-(obcego) w wieży Babel do emigranta-współbrata – droga bohatera lirycznego Tomasza Łychowskiego*. „Ameryka Łacińska” (45-46/2004), 45–50, 2004b.

KLAWE, Janina, ed. *Oficjalne odkrycie Brazylii*. Skierniewice: Pracownia Poligraf. Iwarz., 1987.

KORZELIŃSKI, Seweryn. *Opis podróży do Australii i pobytu tamże od r. 1852 do 1856* 1. Ed. Adam Mauersberger. Warszawa: PIW, 1954.

KOWALSKI, Grzegorz. *Podróż/podróżopisarstwo*. Słownik polskiej krytyki literackiej 1764–1918. Pojęcia – terminy – zjawiska – przekroje. Vol. 2. Ed. Józef Bachórz [et al.]. Warszawa: Instytut Badań Literackich PAN: Toruń: Instytut Literatury Polskiej UMK : Wydawnictwo Naukowe Uniwersytetu Mikołaja Kopernika, 2016.

KRONENBERG, Anna. *Geopoetyka. Związki literatury i środowiska*. Łódź: Wydawnictwo Uniwersytetu Łódzkiego, 2014.

KULA, Witold, ASSORODOBRAJ-KULA, Nina, and Marcin KULA, ed. *Listy emigrantów z Brazylii i Stanów Zjednoczonych 1890 – 1891*. Warszawa: Ludowa Spółdzielnia Wydawnicza, 1973.

ŁYCHOWSKI, Tomasz. *Moja droga na księżyc*. Warszawa: Instytut Studiów Iberyjskich i Iberoamerykańskich UW: Muzeum Historii Polskiego Ruchu Ludowego, 2010.

ŁYCHOWSKI, Tomasz. *Skrzydła/Asas*. Warszawa: Muzeum Historii Polskiego Ruchu Ludowego: Instytut Studiów Iberyjskich i Iberoamerykańskich UW, 2008.

ŁYCHOWSKI, Tomasz. *Spojrzenia. Wiersze wybrane*. Rio de Janeiro: LetrCapital, 2016.

MAZUREK, Jerzy. *Obecność polska w Brazylii*. Polacy pod Krzyżem Południa. Ed. Jerzy Mazurek. Varsóvia: Instituto de Estudos Ibericos e Ibero-americanos da Universidade de Varsóvia: Museu da História do Movimento Popular Polones, 2009.

MOCYK, Agnieszka. *Piekło czy raj? Obraz Brazylii w piśmiennictwie polskim w latach 1864–1939*. Kraków: Towarzystwo Autorów i Wydawców Prac Naukowych, Universitas”, 2005.

MROZIŃSKI, Andrzej. *Ksiądz Zygmunt Chelmiński (1851–1922)*. Collectanea Theologica (51/1/1981), 49–68, 1981.

PLUTA, Aleksandra. *Droga do Rio. Historie polskich emigrantów*. Warszawa: PWN, 2017.

SIEWIERSKI, Henryk. *Szkice brazylijskie*. Warszawa: Muzeum Historii Polskiego Ruchu Ludowego: Instytut Studiów Iberyjskich i Iberoamerykańskich UW, 2016.

SIMONIDES, Dorota. *Więź regionalna a „mała ojczyzna”*. Studia Etnologiczne i Antropologiczne (2/1999), 65–75, 1999.

SZCZĘSNA, Ewa. *Tożsamość hybrydyczna*. ER(R)GO. Teoria – Literatura – Kultura (2/2004), 9–18, 2004.

WOLANOWSKI, Lucjan. *Pocztą do Nigdy-Nigdy. Reporter w kraju koali i białego człowieka*. Warszawa: Czytelnik, 1978.